



FAGULHA

**Boletim do Comitê Sindicalista
Revolucionário de São Paulo**



FOB - SP - Novembro de 2025

Edição nº1

30 HORAS JÁ: TRABALHAR MENOS, VIVER MAIS!



A precarização do trabalho no Brasil não é uma falha do sistema. É parte do projeto capitalista de manter a classe trabalhadora exausta, fragmentada e barata. A escala 6x1, que obriga a pessoa trabalhadora a se sacrificar seis dias por um único de descanso, expressa diretamente essa lógica cruel. O resultado é adoecimento físico e mental, desemprego em massa e vidas consumidas para aumentar o lucro.

Mas há alternativa concreta. A escala 4x3, com quatro dias de trabalho e três de descanso, pode representar um avanço real desde que venha acompanhada da redução da jornada para 30 horas semanais, sem corte de salários ou direitos. Essa proposta não é utopia. É uma bandeira concreta que combate o desemprego, cria novas vagas e devolve parte do tempo que foi roubado da classe trabalhadora.

Hoje, a redução da jornada é possível porque a produtividade aumentou drasticamente nas últimas décadas, enquanto os salários e as condições

de vida estagnaram ou pioraram. As máquinas, os sistemas digitais e a automação já permitem produzir mais em menos tempo. Mas em vez de transformar esse avanço em qualidade de vida, o capital o usa para demitir, sobrecarregar e lucrar. A luta pela jornada de 30 horas é a resposta organizada da classe trabalhadora contra essa imposição. Se há mais produção com menos gente, que se distribua o trabalho e se garanta mais tempo livre para quem precisa trabalhar.

O Comitê Sindicalista Revolucionário de São Paulo (CSR-SP) defende que essa conquista não virá como presente dos patrões e dos governos. Ela precisa ser arrancada pela luta direta, pela organização nos locais de trabalho e pela construção de sindicatos autônomos, combativos e enraizados na realidade da classe. A prática revolucionária exige a formação de núcleos de base com pessoas trabalhadoras conscientes e organizadas, capazes de construir greves, ocupar espaços de decisão e impor a redução da jornada como pauta central. A força está na unidade da base, na ação direta e coletiva e na recusa em negociar migalhas.

Reduzir a jornada é enfrentar a precarização, o adoecimento e a lógica capitalista que nos trata como peças descartáveis. Não queremos mais viver para trabalhar. Queremos trabalhar para viver com dignidade, saúde e tempo para a família e para a vida. A escala 4x3 com 30 horas semanais é um passo nessa direção. Mas só será realidade se a classe trabalhadora se levantar, se organizar e lutar.

Chega de esperar. Organize-se com nós, construa o poder popular e lute pela redução da jornada já!

A EDUCAÇÃO ESTÁ SENDO VENDIDA: É HORA DE LUTAR!

A educação pública em São Paulo está sendo desmontada. O governo Tarcísio, junto a grandes empresas, transforma escolas, universidades e creches em negócios privados. Não é erro, é projeto: sucatear, terceirizar e privatizar para lucrar com o que é direito do povo. Quem sofre são as pessoas que trabalham e estudam, especialmente a juventude pobre e periférica.



Os governos municipais também atacam, entregando creches a organizações privadas e precarizando a infância da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, sindicatos oficiais estão paralisados, presos a partidos e acordos com o governo. Em vez de organizar a luta, atuam para conter a revolta.

Outro golpe são as escolas militares e "cívico-militares". Elas não educam, reprimem. Transformam a escola em quartel, sufocam a liberdade de pensamento e criminalizam a juventude periférica. Querem formar mão de obra dócil, não pessoas críticas e livres.

As universidades públicas também estão na

mira: cortes, congelamento de salários, sucateamento da pesquisa e parcerias com multinacionais. A lógica empresarial invade os espaços universitários, elitiza o acesso e destrói a função social da universidade.

A privatização não é solução, é exclusão. Pessoas pobres, negras e periféricas são empurradas para escolas sucateadas e universidades inacessíveis, enquanto empresas enriquecem com contratos milionários.

É das mãos de quem trabalha na educação e de quem estuda que pode nascer a revolta capaz de barrar a precarização e a privatização.

A resposta precisa vir de baixo. Assembleias, comitês de base, ocupações, paralisações e greves são nossas armas. Só a organização direta pode enfrentar esse projeto de destruição.

A FOB defende uma educação pública, gratuita, laica, libertária e gerida pela classe trabalhadora. Queremos uma educação popular e emancipadora.

REVOLTA POPULAR JÁ! EM DEFESA DA EDUCAÇÃO!

A educação pública deve ser nossa. E só a nossa revolta organizada pode salvá-la.

Quem é o Comitê (CSR-SP)?

Somos militantes da classe trabalhadora, reunidos em um núcleo organizado desde a base, autônomo e combativo. Atuamos para erguer e fortalecer sindicatos de luta, coletivos estudantis e grupos comunitários em São Paulo. Essas iniciativas se articulam na Federação das Organizações de Base (FOB), que forja a resistência e constrói uma via sindicalista revolucionária em nível nacional.



CONTATO:



@luta_fobsp



FOB - SP



fobsp@riseup.net